

Esporte, Antropologia e Comunicação no Brasil: explorando encruzilhadas de um campo indisciplinar¹

Edison Gastaldo

Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar alguns elementos do denso cruzamento entre os campos acadêmicos da Comunicação, da Educação Física e da Antropologia, área "indisciplinar" (devo o termo a Luiz Carlos Rigo) a que chamo, por conveniência, de "Estudos sociais do esporte" (GASTALDO, 2010b). Para isso, revisito alguns dos artigos, livros, projetos e vídeos que constituem a história acadêmica desse cruzamento. Delineio também potenciais agendas de pesquisa para futuros(as) pesquisadores(as).

Início este percurso destacando a convergência histórica entre o surgimento dos esportes modernos e o da imprensa moderna, derivada da implementação dos meios de comunicação de massa, com o paulatino aumento das tiragens e circulação de jornais impressos e formação de um numeroso público leitor. Os fatos esportivos – resultados de corridas de cavalos, regatas e *matches* de *foot-ball* – fazem parte dos jornais modernos desde sua fundação. A imprensa esportiva nasceu ao mesmo tempo que a imprensa moderna.

Nesse período, o *ethos* esportivo tornou-se ideal de conduta para as elites ilustradas de todo o mundo, ao mesmo tempo em que as artes gráficas e as tecnologias de comunicação audiovisual experimentaram extraordiná-

1 O diálogo com os estudos de mídia e comunicação apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por meio do próprio Édison Gastaldo, com a pesquisa *Publicidade, Esporte e Nacionalidade na Grã-Bretanha: representações sociais na publicidade dos Jogos Olímpicos de Sydney*.

rios avanços – fotografia, telefone, fonógrafo, cinema e impressão *offset* –, na virada entre os séculos XIX e XX, forneceram condições tecnológicas para o surgimento desses dois importantes fundamentos da cultura de massa do século XX: mídia e esporte.

Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia construíram-se mutuamente, reflexivamente. A característica "espetacular" (isto é, "para ser vista") inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairros dentro de campos, pistas ou ringues) articulam-se perfeitamente com o surgimento dos jornais impressos em rotativas, destinados a um grande número de leitores, em pleno processo de expansão urbana. No caso brasileiro, jogos e competições fazem parte da cultura nacional desde tempos coloniais. Embora nos períodos colonial e monárquico os jogos mais populares estivessem ligados à colonização ibérica e à economia rural, como rinhas de galo, touradas e corridas de cavalo em cancha reta, os espetáculos de esporte moderno surgiram principalmente no ambiente urbano, como nos casos do turfe e do remo.

Nas páginas dos primeiros jornais de massa publicados no Brasil, já se dedicava a última página aos resultados esportivos, inicialmente das corridas e das regatas (MELO, 2016). Em poucos anos, a supremacia das práticas esportivas no Brasil foi conquistada em definitivo pelo futebol. Sem necessitar das condições geográficas altamente específicas demandadas pelo remo, e envolvendo comunidades, bairros e associações em sua lógica de jogo coletivo, os clubes de futebol rapidamente se espalharam pelo Brasil no início do século XX. A imprensa moderna, com seus jornais diários de grandes tiragens, colaborou decisivamente para a separação de papéis entre dois grupos muito distintos: o dos jogadores e dos torcedores, criando as bases para o fenômeno que hoje chamamos de "futebol-espetáculo".

Assim, essa construção reflexiva de ambos os fenômenos ao longo do século XX evidencia que comunicação e esporte não apenas têm muito em comum, mas que a própria forma que ambos assumiram contemporaneamente é, em grande parte, resultante dessa interação.

Reflexões sobre os estudos do esporte e da mídia de massa no Brasil: uma abordagem indisciplinar

Os fenômenos esportivos, como vimos, constituem fatos jornalísticos desde os primórdios da imprensa moderna, em meados do século XIX. No Brasil, as práticas esportivas chegaram junto com os ventos da modernidade, em fins do século XIX. Em menos de 20 anos, a escravidão foi abolida (1888), o Império derrubado (1889), a febre amarela erradicada (1904-1908) e o centro do Rio de Janeiro reconstruído (pela Reforma Pereira Passos, entre 1902-1906).

Nesse período efervescente, conhecido no Rio de Janeiro como a "*Belle Époque carioca*", além da Lei Áurea e da Proclamação da República, também foram fundados clubes de remo (como o Clube de Regatas Botafogo, de 1894, e o Clube de Regatas do Flamengo, de 1895) e, pouco depois, de futebol (Fluminense Football Club, de 1902)². Desde que a prática de esportes começou a se tornar índice de modernidade e alinhamento com as elites internacionais, a cobertura de fatos e eventos esportivos passou a fazer parte do cotidiano da imprensa no Brasil. Dos resultados dominicais de *turf* e *rowing* ("corrida de cavalos" e "remo", nos termos da época), ainda no século XIX, até a popularização e a paulatina consagração do futebol como esporte nacional, houve crescente espaço para a cobertura midiática dos eventos esportivos. Em 1908, por exemplo, Jean Claude Bernardet (1979) relata que as primeiras sessões públicas de cinema em São Paulo já apresentavam em sua programação filmes em forma de "compacto" de jogos de futebol locais.

A entrada de novas tecnologias de comunicação nesse cenário ampliou os já fortes vínculos entre esporte e mídia. A radiodifusão (particularmente a *Rádio Nacional*, a partir dos anos 1930) não apenas fez surgir uma "escola" brasileira de transmissão esportiva ao vivo, como elevou o público de partidas de futebol a ponto de alcançar milhões, dada a sua capacidade de transmissão, que cobria todo o território nacional (HELAL; LOVISOLO; SOARES, 2001). Uma consequência nada desprezível desse momento histórico de máxima centralização midiática no Rio de Janeiro – então sede do

2 Sobre a história da criação dos clubes de futebol no Rio de Janeiro, ver Mattos (1997).

Distrito Federal – foi a dispersão de torcedores dos clubes cariocas por todo o interior do Brasil, ainda hoje.

A consolidação de competições esportivas internacionais, como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo, também funcionou como poderoso estímulo ao desenvolvimento de tecnologias de comunicação, em nível mundial. Durante a Copa do Mundo de 1938, foi realizada a primeira transmissão de rádio intercontinental; nos Jogos Olímpicos de Tóquio (1964), a primeira transmissão de TV a cruzar o Pacífico via satélite; na Copa de 1998, foi feita a primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV); e na Copa da África do Sul (2010) foi realizada a primeira transmissão internacional de TV em 3D. Em exemplos ainda mais recentes, em 2014, no Brasil, ocorreu a primeira transmissão em 4K e na Rússia, e em 2018, a primeira transmissão em UHD, além de, dentro de campo, ter sido adotado o sistema VAR, o chamado “árbitro de vídeo” (GASTALDO, 2002).

Como dito, essa convergência entre futebol e mídia é histórica e de fundamental importância para a compreensão dos processos contemporâneos de midiatização social do esporte. Entretanto, o campo acadêmico das humanidades ainda dedica relativamente pouca atenção ao tema, ao menos se levarmos em conta a diversidade de abordagens da área, manifesta em indicadores como o pequeno número de Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq, Grupos de Trabalho em congressos da área e número de periódicos especializados. Como argumentei já faz algum tempo (GASTALDO, 2010b), o tema do futebol e dos esportes – em todos os seus múltiplos desdobramentos – “pertence” muito mais à área de Educação Física do que a qualquer outra, por ampla maioria em todos os critérios já citados.

Por exemplo, no diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq, há somente nove grupos cadastrados na área de Comunicação com o termo “esporte” em suas ementas, em um universo de mais de 660 grupos, dos quais mais de 250 na área de Educação Física. Entre grupos cadastrados que incluam o termo “futebol”, de um total de 67 grupos, apenas cinco são da área de comunicação³.

Quero deixar claro que existem excelentes pesquisas e produções bibliográficas relevantes sobre comunicação e esporte no Brasil, mas que,

3 Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq. Levantamento realizado em 2020.

como um todo, a pesquisa sobre esportes carece de maior afirmação institucional, à altura da relevância do fenômeno e a par da qualidade da produção já existente.

Apesar da superioridade numérica da Educação Física, áreas como a Antropologia e Sociologia apresentam, há mais de trinta anos, consistente e relevante produção teórica e metodológica sobre fenômenos esportivos, bibliografia que exerce grande influência também no campo da Educação Física. Os "estudos sociais do esporte", termo que emprego para denominar esse amplo espectro de pesquisas, são essencialmente transdisciplinares (ou "indisciplinares", como sugeriu o colega Luiz Carlos Rigo), e também podem ser encontrados nas áreas de Psicologia, Letras, História, Geografia, Educação etc. Assim, estudantes que pretendam revisar a literatura sobre mídia e fenômenos esportivos podem precisar "saltar algumas cercas" para encontrar interlocução mais numerosa e qualificada.

Alguns caminhos teóricos e metodológico na pesquisa sobre esporte e comunicação no Brasil

Para colaborar com estudantes e estudiosos que se interessam pela pesquisa de fenômenos ligados ao universo do futebol, comentarei neste tópico algumas vertentes teóricas e possíveis caminhos metodológicos para desenvolvimento de pesquisas sobre o universo do esporte em perspectiva comunicacional. Evidentemente, não se trata de categorização exaustiva, nem de catalogação de qualquer espécie. São apenas exemplos de abordagens possíveis e indicações de literatura relevantes que espero possam ser de valor para estudantes e pesquisadores(as).

a) Práticas e vivências no universo esportivo: a perspectiva etnográfica

A perspectiva etnográfica é característica da antropologia e originalmente foi empregada para o estudo de sociedades sem escrita⁴. Bre-

4 Para uma boa introdução ao método etnográfico, ver Winkin (1998).

vemente, trata-se de um método de pesquisa que consiste na combinação de duas técnicas: "observação participante" – convivência direta, intensa e prolongada do pesquisador na situação de pesquisa – e "diário de campo etnográfico" – relato minucioso e sistemático das experiências de campo. Outras técnicas de pesquisa normalmente estão envolvidas, como entrevistas e produção de mapas, fotografias ou vídeos.

A produção de uma etnografia demanda paciência, disciplina metodológica e um insumo de pesquisa raro: tempo. Não se pode forçar as pessoas em cuja companhia se constrói uma etnografia a confiarem em um pesquisador só porque este deseja, e construir relação de confiança demanda tempo. Na antropologia, a realização de etnografias é fundamentada em ampla base teórica e metodológica; é, por assim dizer, o coração metodológico da disciplina. Para pesquisadores de outras áreas, é importante tomar cuidado com apreensões levianas do método. Ele é lento, trabalhoso e repleto de ciladas⁵. Não existe nenhuma "proibição" em fazer etnografias fora da área de antropologia, mas é preciso muita disposição e extensiva formação bibliográfica e metodológica complementar.

Para investigar fenômenos esportivos, a perspectiva etnográfica pode ser bastante útil em estudos de recepção midiática junto a grupos de torcedores. Normalmente, a primeira ideia acerca de um estudo etnográfico sobre torcedores de futebol consiste em fazer observação participante nos estádios. Existem ali interessantes fenômenos de comunicação, tanto face a face quanto mediatizada. Vários estudos da antropologia dedicaram-se a estudar as torcidas organizadas, como os trabalhos de Carlos Alberto Pimenta (1997), que estudou as lógicas dos discursos de masculinidade e violência dessas agremiações, quanto o de Luiz Henrique Toledo (1996), que estudou torcidas organizadas em São Paulo em termos de sua organização política e lógicas de relacionamento com os clubes e com outras instituições – principalmente a polícia. Outro trabalho etnográfico sobre torcidas organizadas foi publicado por Arlei Damo (2002), neste caso no Rio Grande do Sul, onde ele analisa letras dos cantos e músicas dos torcedores, juntamente com outros aspectos do cotidiano dos estádios. Outra etnografia

5 Ver, nesse sentido, Cardoso (1986).

a enfatizar é o uso social e a leitura que os torcedores fazem do espaço arquitetônico dos estádios – neste caso, pela comparação, do ponto de vista dos usuários, entre o modelo tradicional em relação ao modelo de “arena” é a tese de doutorado de Martin Curi (2012), feita sobre o Estádio Olímpico João Havelange, o “Engenhão”, no Rio de Janeiro.

Outra abordagem etnográfica entre futebol e comunicação inclui a recepção de futebol mediatizado em locais públicos, como bares e restaurantes onde se exibem jogos de futebol pela televisão. Realizei diversos trabalhos etnográficos nesses ambientes, tanto com relação ao cotidiano do futebol clubístico no Rio Grande do Sul (GASTALDO, 2005) e no Rio de Janeiro (GASTALDO, 2010a), quanto no período ritualizado da Copa do Mundo (GASTALDO, 2009; GASTALDO, 2013). Em qualquer dos casos, a recepção de futebol mediatizado se adapta bem às particularidades do método etnográfico. Por ocorrer em espaços menores do que um estádio, pode-se facilmente realizar mapas, contagens e entrevistas com frequentadores habituais. Além disso, a “entrada em campo” (situação bastante difícil a depender do contexto pesquisado) é relativamente simples: por se tratarem de locais públicos, basta ir ao bar ou restaurante, sentar-se e observar.

Além disso, grupos específicos como torcidas organizadas, dirigentes, jogadores, aspirantes a atletas e empresários (DAMO, 2007), entre outros atores da cena midiática esportiva, podem ser pesquisados sob essa perspectiva, bem como a rotina produtiva e as práticas profissionais de rádios, emissoras de TV e de jornal (MARTINS, 2007), na construção discursiva do esporte como fenômeno de mídia (RIAL, 2003).

b) Falando sobre futebol: análise do discurso midiático

As páginas dos jornais diários fornecem farto material de pesquisa em perspectiva analítica do discurso que se dedica aos fenômenos futebolísticos. Existem várias técnicas de pesquisa referidas sob o termo geral “análise do discurso”. Normalmente, o discurso em questão consiste em textos escritos e para a análise de textos jornalísticos já existe ampla e conhecida bibliografia corrente no campo da comunicação (por exemplo,

MAINGUENEAU, 2001; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, MOUILLAUD, 1997). Em termos de mídia impressa, as crônicas esportivas e mesmo o noticiário cotidiano acerca dos principais eventos esportivos oferecem amplo campo de investigação sobre representações sociais, sistemas de valores, identidades, memórias e sociabilidades relacionada ao universo do futebol. A editoria de Esportes, por supostamente tratar de temas menos "sérios" do que política ou economia, normalmente é menos restritiva à expressão pessoal dos jornalistas, resultando em um estilo jornalístico mais leve, irônico, opinativo e metafórico do que outras editorias. O mestre do gênero foi, sem dúvida, Nelson Rodrigues, que, com seu estilo inconfundível, ajudou a construir e/ou consolidar muitas mitologias que cercam a memória do futebol brasileiro. Nesse sentido, cabe destacar o livro de José Carlos Marques (2000) que analisa a obra de Nelson Rodrigues sobre futebol a partir da leitura de 350 crônicas, muitas delas inéditas em livro. Trata-se de uma obra de referência para estudantes e pesquisadores.

Outro livro importante é *A Invenção do País do Futebol*, coletânea organizada por Ronaldo Helal, Hugo Lovisoló e Antônio Jorge Soares (2001). Destaco neste livro o debate acerca de outro importante nome da teoria social sobre o futebol no Brasil: Mário Rodrigues Filho, irmão mais velho de Nelson e autor do clássico *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado em 1947. No livro de Helal, Lovisoló e Soares é criticada a adesão ingênua à versão de Mário Filho sobre a participação negra no futebol por parte de cientistas sociais ao longo de muitas décadas. Ainda hoje, temas como o "pó-de-arroz" do Fluminense e narrativas sobre a possibilidade de ascensão social dos negros por meio do futebol são tomados como dados, quando há várias inconsistências históricas e sociológicas a serem discutidas.

Destaco também o debate acerca da "idolatria esportiva", fenômeno de interação entre o discurso midiático e imaginários sociais, que nos jornais, rádios e emissoras de televisão mitificam a imagem de jogadores extraordinários como Pelé, Zico, Ronaldo ou Neymar. Trata-se de um importante ponto de convergência entre comunicação midiática e cultura do futebol⁶.

6 Sobre isso, ver Helal (2001).

Apesar da forte ênfase metodológica da análise do discurso na leitura de textos escritos, outras técnicas de pesquisa, como a semiótica ou a análise de narrativa, podem ser empregadas na pesquisa de discursos em outros suportes, como rádio, fotografia, cinema ou televisão.

Em 2000, publiquei um artigo analisando as locuções dos narradores brasileiros da final da Copa de 1998, na França (GASTALDO, 2000). Naquela Copa do Mundo, cinco emissoras abertas brasileiras transmitiram a competição. Como as imagens eram geradas pela televisão francesa, foi relativamente simples (apesar de trabalhoso) transcrever e comparar o modo pelo qual locutores e comentaristas descreviam o que estava sendo visto em campo. No caso, a humilhante derrota brasileira. O resultado inesperado levou a uma série de mecanismos discursivos de "consolo" da audiência pelos profissionais de imprensa esportiva, sintetizada no título do artigo, *Os Campeões do Século*, retirado da fala de um comentarista: "perdemos um jogo, mas somos os campeões do século XX".

Em minha tese de doutorado, realizada em 1998 e publicada em livro alguns anos mais tarde (GASTALDO, 2002), empreguei outra abordagem comunicacional acerca do esporte, à parte do jornalismo. Analisei a representação do Brasil, dos brasileiros e do futebol nos anúncios publicitários veiculados antes, durante e depois da Copa do Mundo. Os anúncios publicitários são um objeto midiático bastante interessante para análise, por sua lógica mágica e relativamente livre de compromissos com "os fatos", sendo veículo de mitificações, metáforas e hipérboles bastante significativas.⁷

Finalmente, em termos de análise narrativa ou discursiva, eu destacaria a análise de produções de ficção, como filmes, livros e novelas em que o futebol desempenha papel de destaque. Trata-se de um objeto relativamente pouco explorado na produção ficcional brasileira, mas com ótimas possibilidades para uma leitura acadêmica. Como exemplo, cito o artigo de Melo e Knijnik (2009) em que os autores analisam a representação do futebol em dois filmes brasileiros dos anos 1980.

⁷ Sobre o tema, ver Rial (1998).

c) Vozes do passado: análise histórica de textos midiáticos

O ponto nodal da articulação entre comunicação e esporte parece residir no discurso jornalístico acerca dos fatos esportivos. A permanência da página impressa (ao contrário da volatilidade das ondas de rádio e TV) faz com que o recurso a jornais antigos seja muitas vezes a principal fonte de dados sobre eventos esportivos do passado. Considerando o peso que, no universo do esporte, o passado tem sobre o presente, a pesquisa de base histórica sobre o discurso da imprensa esportiva representa importante aporte metodológico para o estudo de "mitos" que representam e configuram ações no presente, mas cujo "passado mítico" está documentado na imprensa e ocorreu há menos de 100 anos.

Nas páginas dos jornais, podemos saber detalhes sobre o desempenho de Friedenreich no Campeonato Sul-americano de 1919 ou comentários sobre a derrota brasileira na final da Copa de 1950. Além do já citado debate em torno de *O Negro no Futebol Brasileiro*, outra pesquisa importante a ter dados históricos de imprensa como fundamento metodológico foi a de Simoni Guedes (1998) sobre os escritos de João Lyra Filho nos anos 1950 e o debate sobre raça e identidade nacional no Brasil. Lyra Filho, além de chefe da delegação da Seleção Brasileira na Copa de 1954, era também político e jornalista. A análise de seus textos permitiu lançar um olhar mais sofisticado para os termos do debate entre eugenia e mestiçagem na intelectualidade brasileira nos anos 1950, período em que se consolidava a ideologia do "país do futebol".

Cabe ressaltar que, como em qualquer pesquisa histórica, é necessário fazer sempre a crítica das fontes: o fato de que uma dada versão foi publicada em um jornal não implica que o fato tenha ocorrido daquela maneira, ou mesmo que tenha sequer ocorrido. O "fato" a se levar em conta é que aquela versão foi publicada naquele dia. Fatores como a orientação editorial do periódico, o momento político vivido no período e mesmo as idiossincrasias do jornalista (que, na imprensa esportiva, muitas vezes assume a torcida por determinado clube) podem influenciar decisivamente os termos com que dada versão é publicada. Destaco, nesse sentido, a

dissertação de Mestrado em Comunicação de João Paulo Teixeira (2011), acerca do histórico campeonato carioca de 1923, vencido pelo Vasco da Gama com seu time que incluía jogadores negros e mestiços. Analisando as páginas esportivas dos jornais daquele ano, Teixeira questiona várias das interpretações e narrativas de Mário Filho sobre o "racismo" do qual a equipe do Vasco da Gama teria sido vítima, contestando até mesmo dados factuais, como a narrativa de uma briga generalizada, com invasão de campo narrada (em 1947) por Mário Filho, à qual os jornais de 1923 absolutamente não fazem referência.

Outra abordagem interessante para lidar com o passado futebolístico é por meio da chamada "história oral", ou "história de vida". Técnica de pesquisa criada por historiadores, mas amplamente utilizada por antropólogos e cientistas sociais, consiste na gravação e análise sistemática de depoimentos de pessoas que vivenciaram os acontecimentos narrados em primeira mão⁸. Assim como em qualquer outra pesquisa de análise histórica, cabe sempre fazer a crítica das fontes, ainda mais em um domínio tão matizado por afetos como as lembranças do universo esportivo. Muitas pesquisas de qualidade têm sido feitas com base em entrevistas de história oral. Essa técnica é particularmente importante para trazer à tona aspectos do universo do futebol que não são publicados nos jornais, por não fazerem parte da narrativa dominante. Destaco aqui, entre outros, o trabalho de Osmar Souza Jr. e Heloisa Reis (2018) sobre as vicissitudes do futebol feminino em São Paulo, e de Luiz Carlos Rigo *et al.* (2005), sobre o que eles chamam de "futebol infame" (sem fama, esquecido) jogado nas várzeas e torneios amadores dos confins do país, nesse caso no extremo sul do Brasil. Trata-se de um trabalho meticuloso de resgate de memórias fragmentadas, que articula fotografias, bilhetes, recortes e cartazes às narrativas gravadas dos(as) depoentes. Uma arqueologia simbólica de "universos do futebol" que deixaram apenas fragmentos, mas que existiram e resistem.

8 Para uma referência clássica sobre essa técnica, ver Queiroz (1991).

Para Concluir

Este capítulo procurou apresentar a estudantes e pesquisadores de Antropologia, Educação Física e Comunicação (e Psicologia, Geografia, Educação, Letras...) elementos para pensar sobre a produtiva confluência entre essas áreas como agenda de pesquisa. Após apresentar a pertinência dos estudos no cruzamento desses temas, os três caminhos metodológicos aqui esboçados são apenas um estímulo à reflexão. Outras possibilidades são também produtivas, como pesquisas sobre a economia política da comunicação esportiva, analisando a complexa teia de relações de poder entre clubes, federações e emissoras de rádio e televisão; as relações de gênero na mídia esportiva; ou ainda, sobre as interações sociais em comunidades e blogs de torcedores na internet.

Gostaria de deixar claro o potencial de desenvolvimento teórico da convergência entre comunicação e esporte e seu caráter indisciplinar: sem pular algumas "cercas", não se avança nesse campo. Minha ressalva final seria que, apesar de não haver problema em se deixar influenciar por teorias e métodos de outros campos disciplinares, é preciso cautela e seriedade no seu emprego.

Para evitar o risco da "psicologia de botequim" em versão antropológica, sociológica, pedagógica ou histórica, é preciso mais do que um rápido passeio pelo campo alheio: é preciso tempo, leitura, trabalho duro e interlocução qualificada. A perspectiva social acerca do esporte pode permitir desenvolvimentos que iluminem tanto o que sabemos sobre o esporte quanto o que sabemos sobre a sociedade.

Referências

BERNARDET, Jean Claude. *Filmografia do cinema brasileiro, 1900-1935*: Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria da Cultura; Comissão de Cinema, 1979.

CARDOSO, Ruth C. L. As aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95-105.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

CURI, Martin. *Espaços da Emoção*: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFF, Niterói, 2012.

DAMO, Arlei S. *Do Dom à Profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMO, Arlei S. *Futebol e identidade social*: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2010a. Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v16n2/03.pdf. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 311-325.

GASTALDO, Édison. Estudos sociais do esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. *Revista Logos*, Rio de Janeiro, ed. 33, v. 17, n. 2, 2010b. p. 6-15. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/33/01_logos33_gastaldo_estudossociais.pdf. Acesso em: 2 mar. 2021.

GASTALDO, Édison. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, v. 24, p. 107-123, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a06v1124.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

GASTALDO, Édison. O Fato Social Total Brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da Copa do Mundo no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, 2013. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ha/v19n40/a07v19n40.pdf. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 185-200.

GASTALDO, Édison. Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 1, 2000. Disponível em: www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/757/431. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 105-124.

GASTALDO, Édison. *Pátria, Chuteiras e propaganda*: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.

GASTALDO, Édison. Ritos da Nação: uma videoetnografia da recepção coletiva da Copa do Mundo no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 31, n. 1, 2009. Disponível em: www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/644. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 209-222.

GUEDES, Simoni Lahud. O povo brasileiro no campo de futebol. In: GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998. p. 56-63.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MARTINS, Marcel Neves. *Sala de Redação*: um estudo etnográfico das dinâmicas e estratégias de enunciação dos apresentadores. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Unifra, Santa

Maria, 2007. Disponível em: <https://lapeccjor.files.wordpress.com/2011/04/marcel-neves-martins.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

MATTOS, Claudia. *100 anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor Andrade de; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Futebol, cinema e masculinidade: uma análise de *Asa Branca*, *um Sonho Brasileiro* (1981) e *Onda Nova* (1983). *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 9, n. 2-3, p. 183-191, 2009.

MELO, Victor Andrade de. O esporte: uma diversão no rio de janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 2, n. 3, p. 49-66, 2016.

MOUILLAUD, Maurice (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação*. São Paulo: Vogal, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RIAL, Carmen S. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, v. 14, n. 1, p. 61-80, 2003.

RIAL, Carmen S. Japonês está para TV como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patricia. *Imagem em Foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. p. 1-33.

RIGO, Luiz Carlos *et al.* Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 131-146, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2872/1486>. Acesso em: 2 mar. 2021.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SOUZA JR., Osmar Moreira de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos. *Futebol de Mulheres: a batalha de todos os campos*. Paulínia: Autor Esporte, 2018.

TEIXEIRA, João Paulo Vieira. *1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UERJ, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ppgcom.uerj.br/teses/2011/04/files/search/searchtext.xml>. Acesso em: 2 mar. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados; Anpocs, 1996.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo: Papyrus, 1998.